

DEVOCIONAL DE NATAL DA CHRISTIANITY TODAY

A Chegada do
REI ETERNO

**CAMINHANDO PELO ADVENTO COM NOSSO
HUMILDE E PODEROSO SALVADOR**





**CAMINHANDO PELO ADVENTO COM NOSSO
HUMILDE E PODEROSO SALVADOR**



A CHEGADA DO REI ETERNO: Devocional de Natal da Christianity Today

Copyright © 2023 Christianity Today. Todos os direitos reservados.

Christianity Today, 465 Gundersen Dr., Carol Stream, IL 60188

ChristianityToday.com

Impresso com permissão.

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas foram extraídas da NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, NIV® Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc.® Usada com permissão. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.

As citações bíblicas indicadas pela sigla ESV são da Bíblia ESV® (The Holy Bible, English Standard Version®), copyright © 2001 da Crossway, um ministério de publicação da Good News Publishers. Usada com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas indicadas pela sigla MSG foram extraídas de A MENSAGEM, copyright © 1993, 2002, 2018 por Eugene H. Peterson. Usada com permissão da NavPress. Todos os direitos reservados. Representado por Tyndale House Publishers, Inc.

As citações bíblicas indicadas pela sigla NLT foram extraídas da Bíblia Sagrada NEW LIVING TRANSLATION, copyright ©1996, 2004, 2015 da Tyndale House Foundation. Usada com permissão de Tyndale House Publishers, Carol Stream, Illinois 60188. Todos os direitos reservados.

EDITOR Conor Sweetman
EDITOR-CHEFE Russell Moore
DIRETORA DE CRIAÇÃO Sarah Gordon
DESIGNER Alecia Sharp

ILUSTRAÇÕES Phil Schorr
DIAGRAMAÇÃO Rick Szuecs
REVISORAS Alexandra Mellen
e Sara Kyoungah White

TRADUÇÃO Mariana Albuquerque
e Marisa Lopes
EDIÇÃO EM PORTUGUÊS Marisa Lopes

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO

7

PLANO DE LEITURA

8

COLABORADORES

11



PRIMEIRA SEMANA

*PROCLAMAÇÃO
PROFÉTICA*

16

SEGUNDA SEMANA

*JUBILEU
ETERNO*

30

TERCEIRA SEMANA

*COROAÇÃO
DIVINA*

44

DIA DE NATAL

64

*Porque um menino nos nasceu,
Um filho nos foi dado,
e o governo está sobre os seus ombros.
E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro,
Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.*

ISAÍAS 9.6



INTRODUÇÃO

B

Bem-vindo à estação do Advento. Este é um período especial no calendário cristão — um momento de significado profundo e duradouro ao qual todos queremos prestar atenção, mesmo em meio às exigências por vezes avassaladoras dessa época. À medida que você e sua família se aproximam de uma época de calendários lotados e cozinhas movimentadas, cultos voltados para os temas do período e salas de estar repletas de decoração natalina, convidamos você a caminhar por essa estação com este devocional do Advento.

Este devocional tem como objetivo ajudar você a mergulhar profundamente em verdades teológicas e em revelações pessoais, enquanto nos preparamos para celebrar a chegada do nosso humilde e glorioso Rei. Estruturamos o devocional de forma a nos ajudar a refletir sobre a glória e a ternura de Cristo, que veio na forma de um bebê vulnerável e demonstrou

um amor gentil por sua criação, por meio de sua encarnação. Durante todo o mês de dezembro, proclamaremos tanto a soberania e o poder de sua realeza quanto sua bondade amorosa e abnegada.

O devocional apresenta algumas semanas com 6 leituras, pois visa oferecer consistência e flexibilidade e promover uma experiência comunitária que consiga acomodar as demandas desta bela época de comunhão, às vezes tão corrida. Primeiro, mergulharemos na proclamação profética de Cristo, com devocionais que falam dos anseios esperançosos de Israel pelo Rei prometido — e dos sinais que acompanhariam a sua chegada — os quais são tecidos por todo o Antigo Testamento. A seguir, celebraremos o jubileu eterno que a encarnação de Jesus anuncia: um tempo de liberdade, de alegria e de vida nova que ele agora oferece. Por fim, nós nos aproximaremos do dia de Natal contemplando com admiração a entronização real de Cristo e o estabelecimento do seu reino. Ele é o nosso tão esperado Salvador, e neste Advento, celebramos esta verdade transformadora: o nosso Rei eterno chegou. **CT**

PLANO DE LEITURA

1ª SEMANA DO ADVENTO

DIA 1 MIQUEIAS 5.2-5

Alexis Ragan: O caráter humilde do nosso rei

DIA 2 JEREMIAS 23.5-6

Elizabeth Woodson: Profetizando um governante perfeito

DIA 3 ISAÍAS 7.10-14

Alexandra Hoover: Um amor incansável

DIA 4 LUCAS 2.22-32

Monty Waldron: Uma consulta não agendada

DIA 5 LUCAS 4.16-21

Kristel Acevedo: A visita à sinagoga que mudou tudo

DIA 6 ISAÍAS 35.4-10

Beca Bruder: Ele não nos deixará sofrendo

2ª SEMANA DO ADVENTO

DIA 1 JOÃO 16.33

Strahan Coleman: A boa notícia sobre as nossas más notícias

DIA 2 JOÃO 3.16-21

Ronnie Martin: Um amor do tamanho do universo

DIA 3 2 CORÍNTIOS 3.17-18

Steve Woodrow: Como contemplar a glória

DIA 4 1 PEDRO 2.9

Elizabeth Woodson: Esquecemos que pertencemos a Deus

DIA 5 JOÃO 3.25-30

Laura Wiffler: A virtude em decrescer

DIA 6 EFÉSIOS 1.15-23

Carlos Whittaker: A verdadeira esperança não pode ser forjada

3ª SEMANA DO ADVENTO

DIA 1 COLOSSENSES 1.15-20

Caroline Greb: Os primeiros movimentos do Primogênito da criação

DIA 2 LUCAS 1.26-38

Malcolm Guite: O suspense do sim de Maria

DIA 3 MATEUS 1.18-25

Joy Clarkson: Por que José é conhecido como o santo silencioso

DIA 4 LUCAS 1.39-55

Dorothy Bennett: O contraste entre duas mães

DIA 5 MATEUS 2.13-23

Kristel Acevedo: Do Egito para a eternidade

DIA 6 ISAÍAS 60.1-3

Jon Nitta: Fora das trevas, luz

DIA 7 LUCAS 2.13-14

Alexis Ragan: Uma sinfonia de salvação

4ª SEMANA DO ADVENTO

VÉSPERA DE NATAL LUCAS 2.8-20

Ronnie Martin: A surpreendente estratégia do anúncio divino

DIA DE NATAL ISAÍAS 9.2-7

Trillia Newbell: Há uma luz que muda tudo

26 DE DEZEMBRO MATEUS 2.1-12

Malcolm Guite: O que fez esta "Epifania" se destacar?

27 DE DEZEMBRO APOCALIPSE 21.1-6

Craig Smith: Advento para corações desolados

*E disse-lhes:
"Vão pelo mundo
e preguem o evangelho
a todas as pessoas."*

MARCOS 16.15



COLABORADORES



Kristel Acevedo

Kristel Acevedo é autora, professora de Bíblia e diretora de formação espiritual na Transformation Church, nos arredores de Charlotte, na Carolina do Norte.



Dorothy Bennett

Dorothy Bennett tem mestrado em teologia e arte pela Universidade de St Andrews. Atualmente é codiretora de uma empresa de vídeo marketing em Austin, Texas.



Beca Bruder

Beca Bruder é editora-chefe da revista *Comment*.



Joy Clarkson

Joy Clarkson é escritora, editora e doutoranda em teologia. Ela é editora de livros e cultura da *Plough*.



Strahan Coleman

Strahan é escritor, músico e diretor espiritual. Vive em Aotearoa (Nova Zelândia). Ele é autor de três livros devocionais de oração, entre eles o recém-lançado *Beholding*.



Caroline Greb

Caroline Greb é esposa, mãe, dona de casa, artista plástica e editora-assistente da *Ekstasis Magazine*.

COLABORADORES



Malcolm Guite

Malcolm Guite é ex-capelão e membro emérito no Girton College, Cambridge.

Ele dá aulas e palestras sobre teologia e literatura.



Alexandra Hoover

Alexandra Hoover é esposa, mãe de três filhos, palestrante, líder de ministério e autora do best-seller *Eyes Up: How to Trust God's Heart by Tracing His Hand*.



Ronnie Martin

Ronnie Martin é pastor principal da Substance Church, em Ashland, Ohio. Ele também atua como diretor de renovação de líderes da Harbour Network e é autor de sete livros.



Trillia Newbell

Trillia Newbell é autora de vários livros, entre eles *52 Weeks in the Word*. Ela apresenta o programa de rádio *Living By Faith* e é diretora de aquisições da Moody Publishers.



Jon Nitta

Jon Nitta é pastor de formação espiritual, discipulado e pequenos grupos na Calvary Church, em Valparaíso, Indiana.



Alexis Ragan

Alexis Ragan é uma escritora criativa e instrutora de ESL (inglês para estrangeiros); também é apaixonada por missões globais.



Craig Smith

Craig Smith é o pastor principal da The Vail Church.



Monty Waldron

Monty Waldron é casado, tem quatro filhos e fundou a Fellowship Bible Church em 2000.



Carlos Whittaker

Carlos Whittaker é contador de histórias, palestrante e autor de *Moment Maker*, *Kill the Spider*, *Enter Wild* e de seu último lançamento, *How to Human*.



Laura Wifler

Laura Wifler é escritora, podcaster e cofundadora da Risen Motherhood. Ela é autora de vários livros infantis, entre eles *Any Time, Any Place, Any Prayer*.



Steve Woodrow

Steve Woodrow tem atuado como professor e pastor direcional na Crossroads Church Aspen, no Colorado, nos últimos 23 anos.



Elizabeth Woodson

Elizabeth Woodson é professora de Bíblia, teóloga, autora e fundadora do The Woodson Institute, uma organização que capacita crentes a compreenderem e a crescerem em sua fé.

*... enquanto aguardamos a
bendita esperança: a gloriosa
manifestação de nosso grande
Deus e Salvador, Jesus Cristo.*

TITO 2.13





PROCLAMAÇÃO PROFÉTICA





LEIA

MIQUEIAS 5.2-5



O caráter humilde do nosso rei

PROCLAMAÇÕES OUSADAS
DE UM GRANDE LÍDER

POR ALEXIS RAGAN

Quando lemos as profecias das Escrituras do Antigo Testamento, somos lembrados de que sempre foi dito que um governante eterno viria de Belém. Miqueias 5.2 proclama, como se anunciasse de cima dos telhados para alcançar os ouvidos de toda a cidade: “[...]de ti virá para mim aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos”.

Com esta proclamação ousada, fica claro que Deus não planejou que a notícia deste nascimento fosse mantida em segredo, mas sim que fosse espalhada por toda aquela terra com confiança. Sim, o Ungido, que diziam que viria da linhagem davídica, estava de fato vindo, para salvar Israel daquilo que eles próprios não podiam suportar.

Imagine como foi a espera durante os tempos dos profetas — afinal, o Ancião de Dias estava a caminho. Crentes curiosos e sonhadores devem ter vivido com grande expectativa. Como será esse Rei? Eles devem ter se perguntado: Com que sabedoria ele nos abençoará, para então nos tirar do exílio? Como esse Rei seria reconhecido, quando finalmente chegasse?

De acordo com a sua natureza, Jesus assume o manto de Pastor Supremo que agracia as suas ovelhas com a doce presença cheia de força e segurança. Há algo profundamente tranquilizador em ter um Salvador que nos guia como um pastor guia suas ovelhas — pelo caminho que devemos seguir, em vez do caminho que imaginamos ser melhor. Nós todos somos “propensos a nos desviar” do caminho seguro, para longe do seu coração, como coloca com tanta vulnerabilidade o hino “Come Thou Fount of Every Blessing” [Vem Tu, Fonte de Todas as Bênçãos].

O Pastor cobriria Israel com seu caráter de majestade e honra em nome do Pai. Ele permaneceria firme como o derradeiro encarregado de suas vidas, conduzindo-os com bravura e ousadia para pastos eternos. Isto não só era algo pelo qual o povo de Deus ansiava; também era algo de que precisava desesperadamente — um porto seguro que lhes proporcionasse descanso. Miqueias 5.4 nos assegura da

santa proteção que Cristo trará: “E eles viverão em segurança, pois a grandeza dele alcançará os confins da terra”.

Como ovelhas suas, recebemos uma porção abundante de prosperidade e proteção. E mais do que isso, os que habitam esta terra descobrirão que o Pastor Supremo “será a fonte de paz” (v. 5, NVT). O que isso significa? Poderíamos imaginar um rebanho de dóceis ovelhas descansando à vontade sob a sombra de uma árvore frondosa, enquanto ele está em pé, com o cajado na mão, garantindo total serenidade durante o seu cuidado. Sua paz introduz o *shalom* eterno em todas as áreas da vida. Nem mesmo as forças opostas da Assíria contra Israel, [atacando] por todas as frentes, seriam capazes de atravessar aquele portão (v. 5). Na verdade, não há lugar mais seguro do que estar plenamente envolvido pelo amoroso domínio do nosso Criador, a fim de florescer nos campos, eternamente livres de ameaça.

PARA REFLETIR

Como o caráter humilde do nosso Rei desafia a nossa compreensão dos misteriosos planos de Deus?

De que forma abraçar Jesus como nosso Pastor Supremo transforma



LEIA

JEREMIAS 23.5-6



Profetizando um Governante Perfeito

PROMESSAS SURPREENDENTES SOBRE
O APERFEIÇOAMENTO DO PODER

POR ELIZABETH WOODSON

Jeremias foi profeta para pessoas que estavam passando por turbulências políticas. Durante anos, Judá foi governado por reis maus, homens cujos reinados foram caracterizados por ganância, idolatria e injustiça. Em vez de cuidar do povo, eles o oprimiram. Jeremias os convidou a se lembrarem da aliança e a pastorearem o povo de Deus. Em vez de imitarem as nações ao seu redor, ele chamou os reis a serem diferentes, para mostrar às nações como adorar o único Deus verdadeiro. Mas os alertas de Jeremias foram ignorados. Reiteradamente, os reis escolheram o seu pecado em vez de Deus, e o povo sofreu.

Em meio a esse tempo de caos, Deus não ficou em silêncio. Através de Jeremias, ele chamou a atenção para a inadequação e o fracasso dos líderes de Judá. Suas

palavras lançaram acusações incriminatórias contra aqueles cuja autoridade não era definitiva, mas simplesmente derivada da autoridade daquele que é Soberano. Os reis tinham esquecido que eram mordomos, designados para cuidar de um povo que pertencia a Deus.

Então, em Jeremias 23.5-6, o profeta compartilhou uma promessa surpreendente. Deus não iria acabar com a teocracia de Judá. Ele iria aperfeiçoá-la. Da linhagem de Davi, Deus suscitaria um “justo renovo”, um legítimo herdeiro para o trono. Este rei faria o que os reis de Judá não puderam fazer: lideraria de uma forma que refletisse perfeitamente a justiça e a retidão de Deus. Sob seu governo, o povo prosperaria e Deus seria adorado. Este rei salvaria o povo da opressão.

Mas ele não seria outro rei humano. Ele seria Deus Filho, Jesus.

Com palavras repletas de esperança, o profeta lembrou o povo de que Deus não se esquecera deles. Ele não tinha ignorado o sofrimento deles. Pelo contrário, ele estava preparando o caminho para o fim desse sofrimento. Por amor, Deus Pai enviaria Deus Filho ao mundo para salvá-lo da raiz do problema, que atormentava tanto Judá quanto seus reis: o pecado.

Sob o reinado de Jesus, o pecado não mais existirá. Ele corrigirá o que está

errado, punirá o mal e trará igualdade para todos. A humanidade será tratada com justiça e refletirá a retidão de Deus. Jesus restaurará o *shalom* que o pecado perturbou e tenta destruir.

Em todo o mundo, muitas pessoas conhecem o peso da turbulência política, pois são governadas por líderes que escolhem a ganância, a idolatria e a injustiça, em vez de cuidarem da criação de Deus. No entanto, da mesma forma que Deus viu a dor de Judá, ele vê a nossa, e a esperança do Messias prometido é também a nossa esperança. Quando celebramos a primeira vinda de Jesus, aguardamos ansiosamente a sua volta. Precisamos que “o Senhor [que] é a nossa justiça” reine. Precisamos de Jesus.

PARA REFLETIR

Tendo em mente os fracassos de reis humanos em Judá, o que isso revela sobre a importância de termos líderes que reflitam a justiça e a retidão de Deus? De que forma podemos aplicar este princípio em nossas próprias vidas e esferas de influência?

Como o reinado de Jesus como o “justo renovo” traz a restauração do *shalom* e a derrota do pecado.



LEIA

ISAÍAS 7.10-14



Um amor incansável

QUANDO TEMOS MEDO,
DEUS BUSCA NOSSO CORAÇÃO

POR ALEXANDRA HOOVER

Todo dia lembro ao meu filho o quanto o amo. Nos últimos meses, percebi que ele tem estado preocupado e tristonho. Como muitas crianças de sua idade, ele ficou abalado com as notícias de tiroteios em escolas, tumultos, uma pandemia e tensões políticas. Para ser sincera, também fiquei com muito medo. Mas eu o lembrava frequentemente: “Kingston, você é muito amado. Nós estamos seguros. Deus está conosco, mesmo que você não consiga sentir isso.” Meu filho, como muitos de nós, tem dificuldade em acreditar nisso. O mundo está carregado, sombrio — onde está a esperança?

Em Isaías 7.10-14, encontramos um rei Acaz assustado em meio a perigos e conflitos políticos iminentes. Os inimigos estavam se aproximando do reino de Judá e a necessidade de procurar socorro e alívio em outro lugar brotou no coração rebelde

de Acáz. O rei conhecia a lei de Deus, mas não confiava nela. Naquilo que Deus procurava oferecer segurança, Acáz era governado pela idolatria, a ponto de sacrificar seu filho (2Reis 16). Deus deixou claro o que isso significava para Judá — se Acáz não ouvisse suas instruções e não atentasse para elas, a destruição seria inevitável (Isaías 10—11).

A busca incansável de Deus pelo rei de Judá não foi apenas pelo arrependimento de Acáz, mas em prol da salvação de todo o seu povo, assim como a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus são por nós. Os olhos de Acáz foram desviados por aquilo que era temporário, enquanto a perspectiva eterna batia à sua porta. Contudo, assim como a graça de Deus persiste ainda que em meio à nossa infidelidade, mesmo em meio à contenda e à rejeição de Acáz ao poder e à presença de Deus, Isaías lhe dá um sinal: “a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel” (Isaías 7.14).

Uma grande salvação chegará por meio do nascimento de Jesus. A esperança agora está aqui (Mateus 1.20-22). Deus está conosco, em meio às nossas turbulências e em meio a condições muitas vezes traiçoeiras. Ele desceu à terra para nos oferecer esperança eterna em nossas aflições momentâneas. Ele nos pede para ouvir e crer, e nos ajuda a fazer isso em nossa fraqueza e incredulidade.

Quando meu filho teve medo, fui incansável na busca pelo coração dele, assim como Deus é em sua busca pelo nosso. Eu precisava que meu filho soubesse que não precisávamos ser governados pelo medo, mas podíamos ser governados pela esperança. Numa época em que muitos de nós estão sensíveis à realidade da dúvida e do medo, o amor de Jesus por seu povo é incansavelmente abundante. Ele é o socorro e a razão para a vida de muitos, e promete que “Assim como uma mãe consola seu filho, também eu os consolarei” (Isaías 66.13). Ele é o nosso grande sinal — um rei que nos presenteia com vida em troca da sua morte. Hoje, não endureça o seu coração como fez Acáz; em vez disso, saiba que o poder de Deus está em você, que a presença dele está com você e a promessa dele está sobre você.

PARA REFLETIR

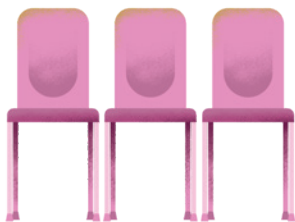
Como a história do rei Acáz demonstra a busca incansável de Deus pelo coração do seu povo e o seu desejo de salvá-los?

De que forma podemos encontrar esperança e consolo na certeza de que Deus está conosco, mesmo em meio ao medo e a turbulências?



LEIA

LUCAS 2.22-32



Uma consulta não agendada

O QUE A GARANTIA TÃO ESPERADA POR
SIMEÃO SIGNIFICA PARA NÓS HOJE

POR MONTY WALDRON

Quando foi sua última experiência em uma sala de espera? A minha foi há algumas semanas, em um consultório médico. O espaço era iluminado, acolhedor e confortável. Após preencher uma ficha, o paciente podia ler uma pilha de revistas, assistir a um programa na TV, navegar pelas redes sociais ou simplesmente olhar pela janela para passar o tempo. Mas a espera era obrigatória. Ninguém na sala conseguiu evitá-la, e é quase certo que o atraso foi maior do que qualquer um de nós gostaria. Há algo em nós que deseja que a vida aconteça de acordo com um cronograma — o nosso cronograma.

Muitas vezes, a nossa espera tem a ver com um compromisso que marcamos. Concordamos em encontrar alguém em um horário combinado. Mas, se passar

do horário combinado, nós esperamos, e quanto mais esperamos, mais incomodados ficamos.

E se você soubesse que tem uma espécie de encontro com a pessoa mais poderosa do universo, mas tal encontro não está marcado em um calendário? E se lhe dissessem que você teria uma audiência com o Rei dos Reis, mas não lhe fosse dada nenhuma data ou hora — e lhe dissessem apenas que seria algum dia antes de você morrer? Foi o que aconteceu com Simeão.

“Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e piedoso, e que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor” (Lucas 2.25-26).

Que tal uma experiência de sala de espera? Imagine acordar todos os dias pensando: Será que vai ser hoje? Sem dúvida, a promessa revelada pelo Espírito Santo foi memorável e convincente. Mas certamente houve momentos em que Simeão sentiu o peso de esperar pela única fonte de salvação para a humanidade. Como ele perseverou ao longo dessa inquietação que surge por saber o fim da história, mas ter de conviver com a incerteza entre o presente e o fim?

Só posso concluir que a devoção de Simeão estava enraizada na pessoa que

fazia parte desse plano, mais do que no plano em si. Ele talvez não tenha tido a pretensão de ter uma opinião sobre a ordem dos acontecimentos ou seus pormenores — talvez ele tenha sido capaz de tratar tudo isso como algo que pertencia ao domínio da soberania divina. Simeão ficou esfuziantemente feliz ao ver tudo se desenrolar diante de seus olhos, confiante de que aquele que prometeu faria exatamente como havia dito, no momento perfeito e para o bem de todos que “com grande expectativa, aguardam a sua vinda” (2Timóteo 4.8).

Que presente ver a chegada da salvação de Deus através dos olhos de Simeão, durante o período do Advento. Do mesmo jeito que Simeão esperou, quero saber esperar, cheio da certeza de que o Rei voltará tal como prometeu. Ele cumpre seus compromissos. E, nesse dia, partiremos em paz, juntando-nos a uma grande nuvem de testemunhas, face a face com a nossa salvação (Apocalipse 22.1-5).

PARA REFLETIR

Somos convidados a considerar um tipo diferente de espera — em antecipação a uma audiência com o Rei dos Reis. Como esta mudança de perspectiva aprofunda a sua compreensão de esperar segundo o tempo e as promessas de Deus para a sua vida?



LEIA

LUCAS 4.16-21



A visita à sinagoga que mudou tudo

COMO A CHEGADA DE JESUS
ALIVIA NOSSA ESPERA ANSIOSA

POR KRISTEL ACEVEDO

Não faz muito tempo, uma amiga foi ao shopping com sua família e levou minha filha. Fiquei grata por uma manhã de trabalho ininterrupto e estava prestes a ir buscá-la, quando ouvi o celular do meu marido tocar. Era o marido da minha amiga: “Aconteceu um tiroteio no shopping. Falei com minha esposa — ela e as meninas estão bem, mas estão detidas no local e ainda não foram autorizadas a sair.”

Cheguei ao shopping em tempo recorde e, um pouco desnorteada pela urgência, enfrentei a espera mais difícil de toda a minha vida. Aguardei atualizações da polícia; aguardei para poder falar com minha amiga e saber o que aconteceu. Aguardei para segurar minha filha nos braços; aguardei para verificar se ela tinha ferimentos; aguardei para dissipar os medos dela e os meus.

Esse medo repleto de urgência repercute em muitas coisas ao nosso redor, seja diretamente, nas vidas daqueles a quem amamos, ou no fluxo de notícias sobre guerras, doenças, corrupção e violência. A necessidade é premente — onde está a nossa esperança? Enquanto luto para manter a desesperança sob controle, imagino como a antiga comunidade judaica pode ter se sentido, enquanto aguardava a sua libertação e a chegada do Messias. Passaram-se 400 anos desde que eles tinham ouvido Deus lhes falar, e estavam subjugados por uma opressão avassaladora e um cativeiro esmagador. Eles devem ter se perguntado se Deus os havia esquecido e se o Salvador estava realmente vindo.

E então, um belo dia, um homem chamado Jesus entrou na sinagoga e levantou-se para ler o rolo do profeta Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para pregar boas-novas aos pobres.
Ele me enviou
para proclamar liberdade aos presos
e recuperação da vista aos cegos,
para libertar os oprimidos
e proclamar o ano da graça do Senhor
(Lucas 4.18-19)

Jesus ainda não havia terminado. Ele não estava simplesmente lembrando-lhes de um futuro que eles poderiam esperar. Em vez disso, ele proclamou algo surpreendente que teria deixado as pessoas de queixo caído: “Hoje

se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir” (v. 21).

Este foi o anúncio oficial de Jesus de que ele estava inaugurando o reino de Deus. Quando o seguimos, não mais andamos desesperados com as notícias ruins do nosso mundo. Em vez disso, olhamos para Jesus assentado em seu trono. Podemos contar com a sua promessa de redenção, mesmo quando enfrentamos circunstâncias terríveis em nossa vida, como naquele dia em que fiquei aguardando minha filha sair do shopping. Quando finalmente vi seu rosto e abracei seu corpo contra o meu, senti um alívio e uma alegria diferentes de tudo que já havia experimentado antes. Foi um lembrete para mim de que Deus ainda não acabou de fazer o que planejou. Que este não é o fim. O Rei está aqui e o jubileu eterno está próximo.

PARA REFLETIR

Que repercussão essa história que fala de urgência e medo tem em suas próprias experiências de espera e de anseio por libertação ou por esperança em situações difíceis?

Quando Jesus proclamou o cumprimento do mandato messiânico de Isaías, ele declarou que o reino de Deus havia chegado. Como seguidores de Jesus, de que modo essa proclamação nos capacita a enfrentar os desafios e as trevas do nosso mundo com esperança e ação?



LEIA

ISAÍAS 35.4-10



Ele não nos deixará sofrendo

A DIFÍCIL LABUTA DA FÉ ENCARNADA

POR BECA BRUDER

N

ão é fácil habitar em um corpo e, ao mesmo tempo, confiar na obra do Espírito. Enfermidades, deficiências e abuso fazem parte da nossa realidade e se apoderam com urgência do nosso foco. Nossa mente costuma ficar tomada por pensamentos vertiginosos e obsessivos, voltados para nós mesmos, e problemas pessoais monopolizam nossa atenção.

Queremos refrigério: um lugar onde nossas almas ressequidas possam encontrar água, onde as limitações do nosso corpo possam ser superadas. Clamamos por socorro e vingança pelas injustiças que nosso corpo absorveu. Esperamos ver Cristo em fontes murmurantes, mas nos distraímos com a areia escaldante sob nossos pés.

O profeta Isaías revelou a promessa de Deus em linguagem de cura. Sim, o Messias trará paz espiritual, mas não ignorará os corpos feridos dos remidos. Ele nos

conduzirá a Sião com cânticos e nos guiará ao resplandecente alvorecer da nossa esperança. Ele não é do tipo que nos deixa sofrendo.

Embora conheçamos a promessa, somos propensos a vagar, seguindo por nosso próprio caminho de incredulidade. A redenção de Cristo em geral assume uma forma diferente daquela que imaginávamos, e, tal como João Baptista, nós nos perguntamos se devemos esperar por outro rei. Será que confiamos nossa esperança à pessoa errada? Ele não é quem pensávamos que era? Ansiamos pela chegada do nosso socorro e pela mudança tangível que ele trará para a nossa realidade. A resposta de Jesus à pergunta de João é dada nestes termos: “Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas-novas são pregadas aos pobres” (Mateus 11.4-5).

Ele é a salvação profetizada por Isaías. A cura que flui de suas mãos atesta sua divindade. Israel esperou pela vinda de um Salvador que curaria espiritual e fisicamente aquilo que estava corrompido. Essa esperança se tornou realidade com o nascimento de um bebê. Os milagres que fez durante seu tempo na terra foram os primeiros sinais daquela cura há muito esperada. E, no entanto, ainda esperamos por ele, dilacerados e frágeis.

Em vez de permitir que as incapacidades desencorajem a nossa devoção, levantamos nosso olhar repleto de expectativa para aquele que pode salvar. Durante o Advento, ecoaremos as esperanças do antigo Israel ao cantar: “Ó, vem, ó, vem, Emanuel”. Haverá um tempo em que toda esta profecia será a nossa realidade. Andaremos no santo caminho com os redimidos. Felicidade e alegria eternas estarão sobre nossas cabeças e toda tristeza desaparecerá.

Até lá, recordamos o bebê nascido em Belém que veio para restaurar a visão dos cegos e anunciar as boas-novas aos pobres, e que voltará para reunir e salvar o povo de Deus. Ele trará a retribuição divina aos erros e a cura para as nossas feridas, e seremos sarados: “digam aos desanimados de coração: ‘Sejam fortes, não temam! Seu Deus virá...’” (Isaías 35.4).

PARA REFLETIR

De que modo a reflexão sobre as palavras proféticas de Isaías e o ministério de cura de Jesus traz consolo e esperança às nossas próprias lutas contra limitações físicas, enfermidades ou injustiças?

Como podemos encorajar uns aos outros a permanecermos firmes e fortes na fé, apesar das tribulações e dos desafios que enfrentamos?



JUBILEU ETERNO





LEIA
JOÃO 16.33



A boa notícia sobre as nossas más notícias

ÀS VEZES, O SOFRIMENTO NÃO
PODE SER ESPIRITUALIZADO

POR STRAHAN COLEMAN

Tenho boas notícias para você: haverá más notícias.

A encarnação de Cristo foi pontuada por más notícias. Sua chegada testemunhou o massacre de uma geração inteira nas mãos de um tirano. Seu ministério culminou com sua tortura e respectiva execução. Mesmo depois da vitória da Ressurreição e do nascimento da igreja, no Pentecostes, seus seguidores, cheios do Espírito Santo, foram perseguidos e exilados, “dispersos no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia” (1Pedro 1.1). Mais tarde, a igreja tornou o evangelho global, apenas para sofrer dor e divisão por causa de divergências teológicas tacanhas e cultos à personalidade. Imagino que esta não seja a história messiânica que Israel tanto esperava, nem era o sonho da igreja primitiva.

Vivemos em uma cultura obcecada em erradicar a dor — que inventa e vende tecnologias para afastá-la, pílulas para amenizá-la ou técnicas de autoajuda para evitá-la. Embora seja impopular dizer “a vida é difícil; esteja preparado para sofrer”, é a pura verdade.

Jesus disse de forma direta que “Neste mundo vocês terão aflições” (João 16.33) e, embora tenhamos ouvido isso, muitos de nós ficam chocados, irritados e são pegos despreparados quando de fato passam por um sofrimento mais profundo. À medida que a poeira vai baixando, percebemos que as nossas reações aos problemas da vida não correspondem às verdades teológicas que professamos.

Fui abalado por essa discrepância mais do que umas poucas vezes. O ensinamento de Jesus de que podemos esperar uma vida repleta de más notícias — e esperar também que ele nos conduza através delas — é, na verdade, uma notícia muito boa.

Saber que o sofrimento está chegando nos vacina contra uma espiritualidade superficial, que acredita que a dor pode ser evitada ou que atribui as dificuldades à infidelidade. Não sofremos excepcionalmente ou por alguma falha — sofrer é um fato incontestável da vida. Se acreditarmos que nossos esforços ou nosso pensamento positivo nos protegerá da dor, estaremos programados para passar por um choque existencial quando o sofrimento surgir. Cristo é muito franco

sobre esta realidade e nos convida tanto a aceitar a inevitabilidade dos problemas da vida quanto a ter a certeza de que ele os superou. Esta é de fato uma realidade bastante libertadora.

Cristo venceu os sofrimentos e as tentações do mundo do mesmo modo que venceu a morte: não eliminando-a, mas passando por ela fielmente, permitindo que se tornasse o próprio veículo por meio do qual ele oferece salvação para todo o cosmo. Em João 16, Jesus nos convida a fazer a mesma coisa: ele espera que sejamos movidos pela paz do seu Espírito, e não pela ansiedade das nossas circunstâncias, que vejamos os problemas do mundo como uma aberração posta nas mãos de Cristo, como uma realidade esperada, a qual somos capacitados a atravessar.

O sofrimento virá, e às vezes será do tipo que você não consegue espiritualizar e que provavelmente pensa que não consegue enfrentar. Quando isso acontecer, não se surpreenda e não pense que cabe a você transformá-lo por milagre. Lembre-se de que é Cristo quem vence [o sofrimento] — confie e apoie-se nele, permita que ele faça a obra de salvar você e o mundo por meio disso. Esta é a realidade terrena da história do Advento. Aleluia!

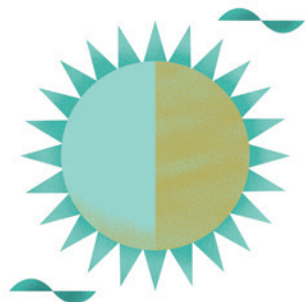
PARA REFLETIR

Como você reage pessoalmente ao sofrimento e a circunstâncias difíceis?



LEIA

JOÃO 3.16-21



Um amor do tamanho do universo

O SENTIMENTO DE ESPERANÇA QUE SURGE
EM NOSSOS CORAÇÕES NO ADVENTO

POR RONNIE MARTIN

A

doro a interação entre Nicodemos e Jesus no Evangelho de João. O mestre da lei se encontra com Jesus à noite, para evitar ser julgado por seus colegas fariseus, pois quer ter tempo para fazer algumas perguntas honestas a Jesus. O guardião dos costumes judaicos quer explorar aquilo que o intriga naquele homem que falava com tamanha autoridade.

Jesus responde com paciência e bondade extremas à sinceridade de Nicodemos. Ele define sua missão ao mundo em termos de amor, algo que é interessante quando levamos em conta que Nicodemos era um mestre da lei. Com sua bondade, Jesus mostra a Nicodemos que, em seu amor do tamanho do universo,

Deus entregou seu único Filho para que todo aquele que [nele] crê não seja condenado a viver uma eternidade sem Deus.

De que tipo de amor Jesus está falando aqui? Sei que usamos a palavra “amor” de forma um tanto genérica, para expressar que gostamos de alguma coisa: amo esse tipo de comida, amo meu trabalho, amo esse programa de TV, amo meu hobby. Este é um tipo de amor.

Através de Jesus, porém, Deus revelou o tipo de amor que ele tem por nós e qual efeito ele pretendia que esse amor tivesse sobre nós: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!” (1João 3.1).

Sermos chamados filhos de Deus é a grande revelação de Jesus sobre o desígnio e a profundidade do amor de Deus. Mas este é um amor que teve um alto custo, o qual sempre acompanha o tipo de amor maior. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos”, diz Jesus, em João 15.13. Isso não é mera afeição, nem um sentimento brando nem alguma espécie de carinho especial por nós. O amor de Deus por nós é ainda mais profundo e vasto do que o próprio universo, pois “Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”, como João nos diz em 1João 4.16.

Embora tenhamos nascido em trevas que alcançam as profundezas da nossa alma, Deus enviou Jesus para romper a escuridão com uma luz que é suficientemente brilhante para iluminar até os confins do universo. Jesus não se limitou meramente a apresentar os planos da redenção de Deus; ele também incluiu a motivação de Deus: o amor.

Esse é o sentimento de esperança que surge em nossos corações todos os anos, no Advento, quando imaginamos a imensidão insondável do amor de Deus por nós, na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

PARA REFLETIR

Nicodemos, mestre da lei, busca respostas em Jesus e encontra a profunda mensagem do amor de Deus. O modo que Jesus define sua missão em termos de amor desafia a nossa compreensão das noções culturais comuns do que é amor?

O Advento é uma época de antecipação e de celebração da imensidão insondável do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Como podemos cultivar um sentimento de admiração e de gratidão pelo amor incomensurável de Deus em nossas vidas?



LEIA
2 CORÍNTIOS 3.17-18



Como Contemplar a Glória

O TEMPO TODO NOS TORNAMOS
AQUILO QUE CONTEMPLAMOS

POR STEVE WOODROW

A primeira vez que a palavra “glória” realmente chamou minha atenção eu estava em uma igreja predominantemente negra, na cidade de Atlanta, na Geórgia, em uma manhã quente de domingo. Eu era o jovem pregador convidado e, enquanto eu pregava, ouvi repetidamente exclamações de “Glória!” vindas da última fileira de bancos, proferidas com rica cadência e dotadas de inegável autoridade espiritual. O ousado grupo de mulheres sentadas nessa fileira estava em sintonia com algo que eu, recém-formado no seminário, não estava. Enquanto eu pregava para aquela amada igreja, estava mais focado em conectar intelectualmente os pontos do meu texto e transmitir meu conhecimento das Escrituras do que na realidade desta glória que elas professavam tão lindamente. Naquela época, a palavra “glória” não ocupava

muito espaço em meus pensamentos nem em minhas conversas. Esse conceito me parecia vago e até me deixava um pouco desconfortável. Mas naquele dia decidi que precisava compreender o que aquelas mulheres compreendiam. Falei com elas depois do culto, e ficou bastante claro que não estavam gritando mecanicamente palavras religiosas apenas para provocar uma emoção — elas estavam vivenciando a reunião dos santos e a pregação da Palavra como comunhão com o Espírito Santo e uma participação em sua glória.

A fé vibrante daquelas mulheres lembrou-me que nos tornamos aquilo que contemplamos. À medida que fixamos nossos olhos em Jesus e experimentarmos a presença e o poder de Deus em nossa vida, entenderemos e refletiremos cada vez mais essa glória. Em compensação, a maior das escravidões é a que surge quando fixamos os olhos em nós mesmos ou nos ídolos que nos cercam. Jesus abriu caminho para a habitação do Espírito, a fim de que pudéssemos ser libertos da escravidão do pecado e contemplar a glória do Senhor. Seu advento remove o véu que estava sobre nossos corações e oferece tanto a bênção de contemplar sua glória quanto a bênção de sermos transformados na mesma glória (2Coríntios 3.17-18).

Naquela manhã de domingo, há muitos anos, ficou claro para mim — e para as pessoas ao meu redor — que

eu estava fora da minha zona de conforto. Quando falei de meus próprios desafios, após o culto, uma mulher declarou: “Ele vai ajudar você a superar isso!” Eu precisava desse encorajamento para fixar meus olhos em Jesus, ao longo da jornada desta vida e da minha vocação pastoral.

Aquelas mulheres foram para mim como os anjos que proclamaram “Glória a Deus nas alturas” (Lucas 2.13-14), declarando a glória do Senhor e mostrando-me a presença, o poder e a paz do meu Salvador. Gostaria que elas fizessem parte do culto da minha igreja todos os domingos, e me ajudassem a contemplar Jesus, que veio para que todos pudéssemos nos tornar como ele.

PARA REFLETIR

Levando em conta o significado da palavra “glória” no contexto de um culto de adoração, como você descreveria a sua compreensão da glória? Como esse conceito influencia seu relacionamento com Deus e a sua adoração?

Frequentemente expressamos gratidão pelo impacto que a comunidade da igreja tem em nos ajudar a contemplar Jesus. De que formas a sua comunidade de fé apoia e encoraja você na sua jornada de contemplar a glória de Deus?



LEIA
1 PEDRO 2.9



Esquecemos que Pertencemos a Deus

O BÁLSAMO CURATIVO QUE ESTÁ EM
ENCONTRAR NOSSA VERDADEIRA IDENTIDADE

POR ELIZABETH WOODSON

Celebrar a vinda do rei eterno é celebrar como, através de Jesus, encontramos a libertação da escravidão do pecado e da morte. Nós, que estávamos longe, fomos trazidos para perto, para um relacionamento restaurado e o descanso eterno com Deus (Efésios 2.13).

As palavras de Pedro foram escritas para cristãos gentios, que viviam como “estrangeiros e exilados” no Império Romano (1Pedro 2.11). Eles eram considerados não cidadãos ou residentes temporários num mundo que valorizava muito a cidadania em sua hierarquia social. Foi também uma época em que a tolerância de Roma com relação à liberdade religiosa estava diminuindo. Pedro estava escrevendo para cristãos marginalizados e perseguidos, que estavam sofrendo por sua lealdade ao Rei Jesus.

Em 1Pedro 2.9, o apóstolo fornece a seus leitores um bálsamo curativo, um lembrete de que foi Deus, e não as pessoas, quem determinou a verdadeira identidade desses cristãos. Pedro usa quatro frases para descrever a identidade deles em Cristo: geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo exclusivo de Deus.

Suas palavras remontam a Êxodo 19.4-6, passagem em que Deus explicou a Moisés o propósito por trás de sua almejada aliança com Israel. Israel fora separado para mostrar ao mundo o que significava adorar o Deus único e verdadeiro. Eles experimentariam sua bênção ao servirem como canal para a bênção de Deus ao mundo.

O sofrimento e a perseguição podem desumanizar e desmoralizar um povo, privando-o de sua dignidade e de sua esperança. O que o mundo tentou tirar desses cristãos, Pedro procurou restaurar. Ele lembrou estes “estrangeiros e exilados” de seu elevado *status*. Por meio de Cristo, eles eram membros da família de Abraão com acesso direto a Deus. Eles tinham um *status* eterno como sacerdotes reais separados para conduzir as nações a Deus.

Por meio do evangelho, nós, que fomos desumanizados, somos novamente humanizados, revestidos de força e dignidade, por causa daquele a cuja imagem fomos feitos.

Mas num mundo contaminado pelo pecado e pelo mal, pode ser fácil esquecer isso.

Esquecemos que pertencemos a Deus. Cegados pelas lutas da vida, temos dificuldade em enxergar a esperança eterna que temos simplesmente por sermos dele.

Contudo, nas palavras de Shirley Caesar: “Esta esperança que temos não nos foi dada pelo mundo nem pode ele tirá-la”. Não importa quão escura seja a noite, sempre temos esperança. Por meio de Cristo, o amor inabalável e a fidelidade de Deus nos acompanham para sempre. Assim, em meio ao sofrimento e à perseguição, nossos olhos se voltam para o eterno, não para o temporal. Lembramos que nossa identidade, nosso valor e nossa vocação são determinados por Deus, não pelo ser humano. Seremos o seu povo por toda a eternidade; nosso lar eterno é com ele.

PARA REFLETIR

Como a compreensão da nossa identidade como geração eleita e povo exclusivo de Deus molda a nossa perspectiva do sofrimento e da perseguição?

De que formas o mundo tenta definir nossa identidade e nosso valor? Como podemos evitar esquecer que nossa verdadeira identidade é determinada por Deus?



LEIA

JOÃO 3.25-30



A Virtude em Decrescer

COMO CONFIAR EM DEUS
EM ÉPOCA DE DECLÍNIO

POR LAURA WIFLER

Nunca é divertido sentir que você foi substituído, e os discípulos de João Batista realmente não gostaram de se sentir assim. Enquanto João e seus seguidores batizavam, perto de Salim, Jesus também começou a batizar, nos campos próximos da Judeia. Alarmados com o fato de esse novo mestre estar fazendo mais sucesso do que o seu, os discípulos de João expressaram preocupação a seu mestre de que “todos” estavam indo até Jesus para serem batizados (João 3.26, CSB), talvez esperando que João demonstrasse indignação semelhante a deles ou tivesse uma reação competitiva. Em vez disso, João mostrou-lhes a beleza do paradoxo do evangelho.

Seus discípulos temiam a reviravolta inesperada dos acontecimentos, mas João lembra seus seguidores de algo que dizia o tempo todo: “Eu não sou o Cristo, mas

sou aquele que foi enviado adiante dele” (v. 28). Na verdade, ao ouvir a notícia do sucesso de Jesus, João diz que a sua alegria “agora se completa” (v. 29). A popularidade de João estava chegando ao fim. Seu sucesso estava desaparecendo. Sua influência, diminuindo. Para a maioria de nós, isso seria motivo de desânimo e inveja, mas para João era motivo de alegria. Este é o belo paradoxo do evangelho. A vida cristã consiste em perder para encontrar. Em dar para ganhar. Em morrer para viver. Isso significa que, às vezes, decrescer, ficar menor, perder influência externa ou diminuir de posição na hierarquia é uma coisa boa.

João diz: “É necessário que ele cresça e que eu diminua.” (v. 30). Em uma época do ano tipicamente associada a correria e aumento de compromissos — mais coisas para fazer, mais coisas para comprar e mais pessoas para ver — talvez você esteja passando por um momento de declínio. Você pode ter perdido um ente querido e ter menos cadeiras em volta da mesa. Pode ter perdido o emprego, e sua agenda pode ter ficado mais vazia e a pilha de presentes debaixo da árvore de Natal pode estar menor. Tal como os discípulos de João, mudanças podem nos deixar preocupados ou cheios de lamentos. No entanto, pouco antes de lembrar a seus discípulos que ele não era o Cristo, João os recorda que tudo é dado por Deus (v. 27). Veja bem, João tinha uma visão correta de sua incumbência. Ele

não tinha uma opinião muito elevada sobre si mesmo, como se fosse o próprio Cristo, embora também soubesse que tinha valor e propósito no plano de Deus. Em João 1, o autor lembra os leitores que João “não era a luz, mas veio como testemunha da luz” (v. 8). Cristo é a “verdadeira luz” (v. 9). João sabia que seu papel era importante, mas não era o ponto final da história.

Durante esta época do Advento, podemos aceitar o fato de que qualquer dose de sucesso que tenhamos alcançado não é obra nossa, mas é bondade dos céus, derramada imerecidamente sobre a nossa vida. Podemos nos submeter ao que Deus tem para nós, quer ele nos dê quer ele nos tire algo, porque nossa vida não é nossa, mas pertence a Deus (1Coríntios 6.19). Não importa onde estejamos na vida, podemos confiar humildemente nos planos da verdadeira luz e dar testemunho do seu grande nome.

PARA REFLETIR

De que forma podemos encontrar alegria e propósito em épocas de declínio ou de diminuição de influência?

De que modo o lembrete de que todos os nossos dons e sucessos vêm de Deus molda a nossa perspectiva durante o período do Advento e nos encoraja a confiar humildemente nos planos do Senhor?



LEIA
EFÉSIOS 1.15-23



A Verdadeira Esperança Não Pode Ser Forjada

O QUE ACONTECE QUANDO ACEITAMOS
OS LIMITES DA NOSSA FORÇA?

POR CARLOS WHITTAKER

Uma dura verdade — daquelas que nos faz estremecer — pode não ser a melhor maneira de começar um devocional de Natal, mas continue aqui comigo, enquanto explico: esperança dá muito trabalho. Sim, Jesus nos traz a esperança última; porém, tal como muitos aspectos da fé cristã, viver com esperança nem sempre é fácil. A história da nossa fé pode incluir alguns belos dias de sol no mar da Galileia, mas se baseia em uma cruz. Se formos honestos, sabemos que não será uma jornada fácil; portanto, vamos digerir algumas verdades que podem nutrir e edificar em nós essa coisa chamada esperança.

Em Efésios 1, Paulo escreve à igreja sobre a realidade da esperança e como ela não está vinculada a nada que a própria igreja possa conquistar. Isso nos dá um

certo alívio: não se trata do que podemos fazer. Não, a esperança surge em cena quando a igreja para de tentar alcançá-la por si mesma e, em vez disso, coloca a sua esperança no poder de Cristo e na sua autoridade sobre todas as coisas.

Parece simples meramente “abrir mão e deixar por conta de Deus”, como diz o slogan conciso, mas pense nisso novamente. Tente se lembrar da última vez em que você teve de parar de tentar fazer as coisas sozinho e deixar que alguém fizesse por você — projetos do trabalho, criação de filhos ou até mesmo seu próprio ministério. Esse nível de confiança e de abrir mão do controle pode parecer algo quase impossível. Adoramos dizer que colocamos nossa esperança em Jesus, mas é muito mais fácil colocar a nossa esperança em nossas próprias competências e habilidades. É por isso que a esperança dá trabalho, porque dá trabalho abrir mão do controle.

Perceber os limites da minha própria força me ajuda a confiar em Jesus como o criador da esperança em minha vida. Em Efésios 1.19, Paulo fala da imensurável grandeza do poder de Deus. Em um cômico contraste, eu acordo mancando todas as manhãs, em meu corpo de 49 anos de idade. Aparentemente, o sono agora é um esporte de contato e, quando vou para a academia, meu objetivo é me alongar o suficiente para não sentir dores quando acordar, na manhã seguinte. Minha força tem limites. Mas Efésios deixa claro que a força daquele

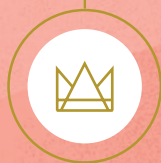
que *realmente* nos dá esperança é imensurável. Não há limite para sua grandeza e seu poder. Nenhum. Isso é algo em que todos nós realmente podemos depositar a nossa esperança, independentemente das circunstâncias.

Aqui está o fator que faz a diferença: a autoridade do nosso Rei todo-poderoso na verdade nos foi concedida a partir das riquezas de sua graça, e vive dentro de nós, cristãos. Podemos recorrer à autoridade do nosso Criador, nesta época de Natal, de modo a permitir que a força dele flua dentro e através de nós. Em meio a toda a agitação desse período de Natal, sempre acompanhada das inevitáveis mentes cansadas e dos corpos doloridos, permita-se encontrar sua esperança na força e na autoridade de Deus. É melhor assim.

PARA REFLETIR

Quando você reflete sobre o conceito de esperança, de que modo a compreensão de que a esperança exige abrir mão do controle repercute em sua jornada pessoal de fé? Em quais áreas da sua vida você acha desafiador abrir mão do controle e confiar no poder de Deus?

Como cristãos, temos acesso à autoridade do nosso Rei todo-poderoso. De que forma você pode se beneficiar da força e da autoridade dele, durante essa época do Natal, em meio à correria e ao cansaço?



COROAÇÃO DIVINA





LEIA

COLOSSENSES 1.15-20



Os primeiros movimentos do Primogênito da criação

COMO AMAMOS ATÉ MESMO
O QUE AINDA NÃO VEMOS

POR CAROLINE GREB

Nesta época do ano, somos bombardeados por imagens que monopolizam nossa atenção, apresentando-nos a ideia de feriados de fim de ano perfeitamente tranquilos e repletos de presentes que nos trarão verdadeira satisfação. Agora, imagine, só por um minuto, como seria amar algo que você nunca viu. Mesmo sem compreender inteiramente o que ama, você sente uma dor e uma esperança de realização, de completude, de plenitude. Mas, afinal, como é amar alguém que a gente nunca viu?

Este é um conceito que quem é mãe conhece bem, pois sente o bebê se mexer no útero antes mesmo de ver seu rostinho. Talvez tenha sido isso que Maria sentiu durante os nove longos meses em que seu ventre crescia, e ela tentava entender o fato de que as pequenas vibrações e os chutinhos que sentia eram

os primeiros movimentos do Filho do Altíssimo.

Durante 2 mil anos, Deus revelou sua presença de várias formas: por meio de fumaça, de fogo, na provisão do maná e na nuvem no topo de uma montanha. Era impossível — e também proibido — tentar fazer qualquer imagem ou representação de Deus. Ele era o Deus invisível, que não podia ser reduzido a uma imagem nem ser contemplado por olhos humanos.

A verdadeira adoração sempre mantém em tensão a imanência e a transcendência de Deus. Mas onde podemos conceber essa adoração mais do que em sua concretização, em sua encarnação? Deus, em sua graça, tornou visível o invisível e escolheu habitar entre seu povo, como um de nós. Contudo, o primogênito dentre os mortos não só veio ao mundo em nossa frágil forma humana, mas também veio como o mais frágil de todos nós — como um bebê recém-nascido. Deus tornou-se uma criatura indefesa e sujeita às necessidades humanas mais básicas: ser alimentado, vestido, banhado e cuidado. É difícil sequer imaginar a plenitude de Deus de alguma forma habitando o corpinho de um recém-nascido de quase dois quilos. Esta criança foi o motor no início da criação, aquele que estava presente antes do princípio dos tempos, que é preeminente em todas as coisas. Nele — aquele bebê que não conseguia sequer firmar o pescoço e manter a cabeça erguida — tudo subsiste. Pode ser que a imagem

de Jesus na manjedoura não seja a que esperamos, mas o Deus que se humilha, que serve e que reconcilia é justamente aquele do qual precisamos.

Mas, à medida que a história vai se desenrolando, a imagem fica mais clara. Deus se agradou em habitar um corpo frágil e minúsculo. Ele revelou-se dessa forma não por obrigação nem por inconveniência, mas por puro deleite. E, mesmo agora, continua a ser puramente do agrado de Deus — a sua alegria — revelar-se, entregar-se, a fim de governar como um Rei humilde para o nosso bem e para a nossa alegria, mesmo que não precise fazer isso. Ele se deleita em trazer reconciliação, em restaurar a própria criação que ele fez no início do Éden e, sim, em remover o véu e abrir caminho para que possamos vê-lo face a face.

Ele é a imagem do Deus do qual precisamos — um Deus que é exemplo de humildade, do que é ser servo e de prazer na reconciliação. Nele subsistem todas as coisas, da criação até a manjedoura, da cruz até a nova criação.

PARA REFLETIR

Pense na analogia da mãe que sente os primeiros movimentos do seu bebê no útero. Como isso aprofunda a sua compreensão da experiência que Maria viveu e do significado da encarnação de Jesus?



LEIA

LUCAS 1.26-38



O suspense do sim de Maria

COMO UMA RESPOSTA CORAJOSA
ECO A PELA ETERNIDADE

POR MALCOLM GUITTE

No capítulo 1 de Lucas, somos apresentados a um belo relato de como o anjo apareceu a Maria, como ela o ouviu e como respondeu com coragem: “Sou serva do Senhor, que aconteça comigo conforme a tua palavra.” As palavras ali contidas devem inspirar em cada leitor fervoroso sentimentos de reverência e admiração, mas acima de tudo de gratidão. Esses poucos versículos de Lucas são um dos grandes pontos de virada — ou momentos decisivos — de toda a Bíblia. Eles são uma resposta a outro ponto de virada, trágico, que está em Gênesis: o momento da desobediência de Eva.

A escolha de Eva teve consequências terríveis para todos nós. Seu sim à serpente barrou e diminuiu nossa verdadeira humanidade — embora, é claro, a

serpente tivesse prometido exatamente o oposto! Mas se Eva deu as costas para Deus e levou consigo a todos nós, então, quando Maria volta sua face para ele, por livre e espontânea vontade, o seu sim corajoso para Deus acolhe Jesus no mundo. Em Jesus, cada pessoa pode agora escolher, se quiser, receber as boas-vindas de Deus. Esse seu acolhimento estende-se tanto à plenitude da vida aqui na terra, mesmo com todas as suas limitações, quanto à vida eterna com ele.

Nosso Deus é o Deus da liberdade e do amor; ele não age pela força. Em vez disso, espera amavelmente pelo nosso assentimento, pelo nosso sim ao seu amor. Ao lermos esses versículos, quase prendemos a respiração e adentramos ao drama daquele momento: Deus se oferece para vir ao mundo como nosso Salvador, e Maria, naquele momento, fala por todos nós. O que ela dirá? Oferecerá ela toda a sua vida para ser renovada, para ser transformada para sempre? Ou acaso ela rejeitará o fardo?

Devemos sentir o silêncio terrível, a agonia do suspense, entre os versículos 37 e 38 do primeiro capítulo do Evangelho de Lucas, e, então, ao ouvirmos a resposta de Maria, devemos sentir grande alívio e alegria. O sim de Maria não

só muda tudo para sempre, mas também é para nós um exemplo para a própria vida cristã. Agora, também nós somos chamados a não temer, mas sim a estar abertos, a dizer para Deus: *eu sou teu servo (tua serva), que aconteça comigo conforme a tua palavra*. No soneto abaixo, procurei evocar um pouco do suspense e da importância deste momento.

Enxergamos tão pouco, ficamos na superfície,
Calculamos o exterior de todas as coisas,
Preocupados com nossos próprios propósitos.
E nos escapa o cintilar das asas dos anjos,
Que brilham ao nosso redor, em sua alegria,
Num redemoinho de círculos,
olhos e asas que se abrem,
Eles guardam o bem que pretendemos destruir,
Uma centelha oculta da glória
no mundo de Deus.
Mas, naquele dia, uma jovem parou para ver
Com olhos e coração abertos. Ela ouviu a voz;
A promessa de Sua glória ainda por vir,
Enquanto o tempo parou,
para ela fazer sua escolha;
Gabriel se ajoelhou
e nem sequer uma pluma moveu-se,
A própria Palavra estava aguardando
a palavra de Maria.

Este soneto, "Anunciação", foi extraído de *Sounding the Seasons* (Canterbury Press, 2012) e foi usado com a permissão do autor.

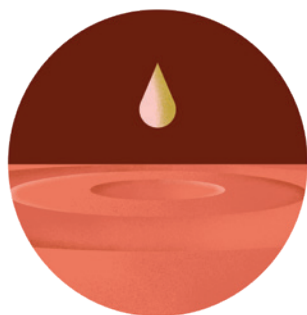
PARA REFLETIR

Ao pensar sobre a resposta de Maria à mensagem do anjo, de que modo o "sim" corajoso da mãe de Jesus ao plano de Deus inspira e desafia você, em sua jornada pessoal de fé?



LEIA

MATEUS 1.18-25



Por que José é conhecido como o santo silencioso

COMO OUVIR OS DIRECIONAMENTOS DE DEUS,
QUANDO AS COISAS PARECEM DAR ERRADO

POR JOY CLARKSON

José é conhecido como o santo silencioso. Embora seu papel na história de Cristo não seja pequeno — pois é dele, José, a linhagem real que Jesus atribui a si mesmo; também é dele a profissão que Jesus adota —, José não diz sequer uma única palavra em nenhum dos Evangelhos. Este é um tema nas histórias que cercam o nascimento de Jesus: Zacarias em silêncio no templo e José silenciosamente considerando como proceder, enquanto Maria e Isabel irromperam em declarações proféticas, fazendo as primeiras proclamações do evangelho.

Mas só porque José não fala isso não deve nos levar a pensar que ele seja passivo. Na verdade, José nos é apresentado como um homem de atitudes firmes,

que brotam de sua rica vida interior. Somos informados de que, ao saber que sua futura esposa estava grávida, ele não rompeu imediatamente o noivado, sujeitando-a a constrangimento público e, possivelmente, a algo muito pior. Apesar do que pudesse ser tentado a fazer qualquer noivo ferido, alguém que estivesse sofrendo pela dor recente de uma aparente infidelidade, José, em vez disso, traça um plano misericordioso e sábio.

A única descrição que recebemos do caráter de José é que ele é “fiel à lei” (Mateus 1.19). Assim, sem divulgar a ninguém a situação de Maria (pelo que nos é dito), ele traça um plano que é, ao mesmo tempo, fiel à lei e gracioso para com ela. José chega a essa decisão através de uma reflexão particular, e, segundo podemos presumir, com muito sofrimento também, ainda que toda a sua dor e a sua generosidade permaneçam sob a superfície. O santo silencioso tem uma virtude que ferve debaixo dessa superfície, onde o seu domínio próprio, mesmo em face d injustiça que sofreu, o contém e permite que ele não apenas tolere, mas também proteja Maria, que era a fonte de sua dor.

E, como acontece com muitas pessoas que tomaram decisões difíceis dentro de si, algo ainda mais profundo brota de dentro de José: um sonho e, com ele, um anjo. Este sonho deve ter surgido como um consolo, como uma

garantia, e envolto em uma grande dose de confusão. Nada disso está registrado. Somente nos é dito que José, que era justo e fiel à lei, à Palavra do Senhor, foi também fiel a esta palavra do anjo. Dentro de si, mais uma vez, ele resolve agir, sem proferir qualquer discurso profético.

José deixou que as pessoas pensassem que ele, um homem sério e que tinha domínio próprio, engravidou Maria num momento de falta de controle. Ele tomou sobre si a vergonha de Maria, talvez renunciando o que Jesus faria por toda a humanidade. E fez tudo isso sem dizer sequer uma palavra.

O nosso é um mundo mergulhado em palavras. Em José, o santo silencioso, vejo uma forma diferente de ser — baseada em silêncio e ação, segundo a qual às vezes as palavras mais importantes são aquelas que não falamos.

PARA REFLETIR

Ao refletir sobre as ações silenciosas, mas decisivas de José, o que podemos aprender sobre o poder da força silenciosa e do domínio próprio em nossa vida pessoal? Como podemos cultivar uma postura semelhante de silêncio e ação em meio a situações desafiadoras?



LEIA

LUCAS 1.39-55



O contraste entre duas mães

COMO MARIA E ISABEL EXALTAM A
DEUS POR MEIO DA ALEGRIA MÚTUA

POR DOROTHY BENNETT

M

uitas são as vezes que nos encontramos numa fase de vida semelhante à daqueles que nos rodeiam, e observamos como eles lidam com situações parecidas com as quais vivemos.

Pode ser o namoro no ensino médio, a temporada de casamentos que começa na faculdade e continua pela década seguinte, ou especialmente o período em que nascem os filhos. Na vida, a competição pode ser o ponto fraco natural para este tipo de comparação; no relato de Lucas, porém, isso é completamente eclipsado pelo foco no reino vindouro de Deus.

O anjo Gabriel anunciou a Maria que ela daria à luz milagrosamente a um filho, e que sua prima Isabel também havia engravidado na velhice. Quando Maria visitou Isabel, certamente as duas mulheres devem ter notado em que ponto

suas situações divergiam. A desgraça de Isabel entre o seu povo foi eliminada pela gravidez, enquanto a de Maria começou com a gravidez. O filho de Isabel foi dado através da instituição do casamento; o de Maria foi concebido pelo Espírito Santo.

A tensão que imagino ter marcado esse encontro é ainda agravada pelo Magnificat, o cântico de louvor entoado por Maria. Com a entrada iminente de Cristo no mundo, o cântico de Maria descreve o tipo de reino que ele veio estabelecer. É um reino que inverterá as normas sociais. Os orgulhosos serão dispersos, os ricos serão mandados embora de mãos vazias. Os humildes serão exaltados e os famintos serão saciados de coisas boas. Fica claro, quando lemos o Evangelho de Lucas, que Isabel foi exaltada e que Maria o foi ainda mais. Para olhares contemporâneos e sem discernimento, porém, Isabel tinha o direito de sentir orgulho, enquanto Maria não tinha direito algum.

Quão compreensível teria sido que Maria tivesse apenas procurado abrigo durante sua visita, ou que Isabel tivesse apenas lhe oferecido sua compaixão. Talvez ambas pudessem ter caído no constrangimento de não reconhecerem suas diferenças, enquanto se preparavam para os nascimentos que se aproximavam.

Mas Lucas não registra tensão nem tristeza entre as duas mulheres. Ele registra alegria. Para além da manifestação externa da gravidez de ambas, a semelhança mais importante entre elas era

o peso do ato milagroso — a evidência de que Deus está presente, ativo e profundamente envolvido conosco. Como disse Charles Spurgeon sobre o cântico de Maria: “Ó, como devemos nos alegrar no Senhor, não importa o quanto possa nos custar nossa união com ele!”

A exultação de Isabel e o cântico de Maria me levam a fazer algumas perguntas pungentes: Será que os meus olhos procuram o mover de Deus, mesmo quando esse mover vai contra aquilo que é socialmente aceitável? Eu chamaria alguém de bendito ou bendita, mesmo que isso exigisse humildade em meus desejos mais profundos?

Porque ele é misericordioso, minha alma deve glorificar e meu espírito se alegrar. Como Isabel, quero exultar alegremente em meio às nossas diferenças ou, como Maria, quero cantar louvores mesmo diante da perseguição pela comunidade — não apenas por querer ser do contra, diferente, mas por me concentrar na glória vindoura do reino de Cristo.

PARA REFLETIR

Como o encontro entre Maria e Isabel desafia a nossa tendência de nos compararmos com os outros e de competirmos com eles?

De que forma Maria e Isabel demonstram humildade e alegria diante das expectativas e normas da sociedade?



LEIA

MATEUS 2.13-23



Do Egito para a eternidade

A LUTA DE MARIA E JOSÉ
ECO ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

POR KRISTEL ACEVEDO

Quando minha mãe estava grávida de mim, aos nove meses, ela e meu pai tiveram que fugir repentinamente do país. Uma guerra havia estourado e os combates se espalhavam pelas ruas da capital onde viviam. Por causa do tipo de trabalho do meu pai, ele era alvo da guerrilha. Nossa família não estava segura.

Posso imaginar minha mãe, tantos anos atrás, carregando no ventre uma vida inocente, e me pergunto como ela se sentia. Imagino que ela estava com medo, sem saber como a situação se resolveria; imagino que meus pais se sentiram perdidos em meio àquele caos, confusos pela forma como seus planos de constituir uma família foram destruídos. Ninguém quer se tornar refugiado aos nove meses de gravidez.

A história registrada em Mateus 2.13-23 tornou-se cada vez mais vívida para mim ao longo dos anos, à medida que comecei a perceber suas semelhanças com a história vivida pela minha família. Posso imaginar Maria com o bebê nos braços. Imagino o medo, a confusão e o desespero que sentiram enquanto cogitavam sobre as implicações de dizerem sim àquilo para o qual Deus os havia chamado. Ninguém quer se tornar refugiado com um bebê nos braços. Mateus nos faz lembrar Oseias 11.1 no meio desta história cheia de profecias profundas: “Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho”. Apesar das circunstâncias sombrias e desesperadoras, Deus tinha um plano perfeito e um propósito que não seria frustrado. Embora fugir para escapar de um ditador assassino possa não parecer o amor de Deus em ação, vemos os planos maiores e fundamentais à medida que se cumprem. A experiência da família de Jesus, ao fugir para a terra do Egito e de lá voltando, é o cumprimento da mesma experiência de Israel no Êxodo. Palavras que antes descreviam a experiência do povo de Deus, da comunidade, agora falam do Messias, o Filho de Deus.

Quando penso na luta de Maria e José, e até mesmo de meus pais, lembro-me da sabedoria de Provérbios: “O coração do homem planeja o seu caminho, mas o Senhor determina os seus passos” (Provérbios 16.9, CSB). Nós fazemos planos, achamos que sabemos como será o mover de Deus, mas só ele sabe

verdadeiramente os passos que iremos dar. Às vezes, esses passos nos levam a lugares reconfortantes e familiares, e outras vezes nos levam para longe do único lar que conhecemos, para uma nova terra, onde conheceremos Deus como nosso verdadeiro e único consolo.

Meus pais conseguiram se estabelecer em uma nova casa, em um país estrangeiro. Eles foram capazes de criar suas filhas para conhecer e amar Jesus. Maria e José foram capazes de criar o próprio Jesus e juntar-se à história de Deus para resgatar o seu povo, cumprindo uma profecia há muito esperada, ao saírem daquela terra distante para estabelecer um reino novo e eterno. Durante esta época do Advento, mais uma vez fico impressionada com a forma como Deus teceu os fios do seu plano em desenvolvimento, de geração em geração.

PARA REFLETIR

Quando você reflete sobre as experiências da jornada de Maria e José, como isso aprofunda sua compreensão dos temores, das incertezas e dos caminhos inesperados que eles tiveram de seguir?

O cumprimento da profecia de Oseias 11.1, através da fuga e da saída de Jesus do Egito, destaca o plano e o propósito perfeitos de Deus que não podem ser frustrados. Como isso lhe dá esperança e segurança em sua própria vida?



LEIA
ISAÍAS 60.1-3



Fora das trevas, luz

A LUZ DO MUNDO VEIO PARA
CONFRONTAR O NOSSO PECADO

POR JON NITTA

Em algum momento da infância, muitos de nós desenvolvemos aversão ao escuro. Lembro-me de estar deitado na cama, quando menino, ouvindo baixinho no rádio o jogo dos LA Dodgers [time de baseball de Los Angeles], e vasculhando freneticamente com os olhos o closet escuro, tentando discernir o que eram aquelas sombras em movimento e que perigos elas representavam. Quando crescemos, muitas vezes evocamos monstros e pesadelos para explicar o nosso medo — na maioria das vezes, porém, é a própria escuridão que nos deixa profundamente perturbados. A experiência da escuridão como uma realidade desorientadora, repleta de algo desconhecido, parece estar profundamente gravada na alma de cada um de nós. Em Gênesis 1, Deus separou a luz das trevas. Este foi um ato intencional e criativo que, na visão de Deus, era bom. No entanto, depois da decisão rebelde de

Adão e Eva e da entrada do pecado no mundo, as trevas assumiram um novo significado. Elas não estavam apenas “lá fora”. A escuridão estava em nós e se aproximava de nós. Em escritos judaicos como o Talmude Babilônico, as trevas são uma metáfora para desorientações perturbadoras, para pavores que se apoderam de uma pessoa. Também significam o mal e o pecado que fazem a pessoa lutar por direção, identidade e compreensão do que está por vir. Da mesma forma, Isaías 9 usa a expressão composta *tzalmavet* — “densas trevas” — para descrever a lúgubre sombra da morte que reside em cada coração humano.

Isaías 60.1-3 ecoa de forma sutil a conhecida história de Gênesis 1. Mais uma vez, há contraste e separação entre luz e trevas. Mas, no relato de Isaías, as trevas envolventes se dissipam — não quando o Senhor, o autor da criação, ordenar, mas quando ele chegar em sua plenitude. Isaías está profetizando o Advento — a vinda do Rei — que é luz para todos os que estão nas trevas.

Neste período do Advento, as palavras de Isaías são um convite a recordar o primeiro Advento. Em um ato que nada tem de dramático, antes, que é sublime, a Luz do Mundo veio humildemente como um bebê para confrontar a escuridão do pecado em todos nós. As palavras de Isaías são uma celebração: “Levante-se,

refulja! Porque chegou a sua luz” (v. 1). A luz ilumina nosso coração para compreendermos não só a profundidade do nosso pecado, mas também a obra redentora de Jesus, já concluída em nosso favor.

As palavras brilhantes de Isaías nos lembram do nosso chamado. Não podemos entesourar egoisticamente esta luz, enquanto aguardamos o seu segundo Advento. A luz deve refulgir de forma brilhante para que as nações e nossos vizinhos do outro lado da rua possam ver Jesus claramente como a Luz do Mundo (João 8.12). Quando o evangelho da luz de Jesus brilha mais profundamente em nós, ele só pode refletir, para fora de nós, através da luz da adoração e da partilha das Boas-Novas.

PARA REFLETIR

De que modo o conceito de trevas, tanto em Gênesis quanto em Isaías, simboliza mais do que apenas a ausência de luz física, mas também a presença do pecado e da desorientação em nossas vidas?

Como podemos abraçar a mensagem da profecia de Isaías durante o tempo do Advento e refletir ativamente a luz de Jesus, através da adoração e da partilha das Boas-Novas com os outros?



LEIA

LUCAS 2.13-14



Uma sinfonia de salvação

A CELEBRAÇÃO DOS ANJOS É UMA
ANTECIPAÇÃO DO QUE ESTÁ POR VIR

POR ALEXIS RAGAN

Em Lucas 2.13, testemunhamos um grupo de anjos suspensos no céu noturno, enquanto cantam uma declaração de louvor pela chegada de Cristo à terra como uma criança. Quão maravilhoso deve ter sido ouvir os brados de celebração que enchiam o ar de forma vibrante, em uma demonstração de honra pelo Deus que se fez carne. Embora possamos apenas imaginar quais sons celestiais encheram o céu daquela noite, uma conhecida peça musical procura nos oferecer um vislumbre [do que foi]: o famoso coro “Aleluia”, do Messias de Handel. Nele, um coro de anjos dá boas-vindas à presença e ao poder de Cristo, acompanhado por uma sinfonia que é apreciada há séculos; uma representação terrena do som daquela noite santa.

A celebração daquela noite, há mais de 2 mil anos, é uma antecipação do que está por vir: a celebração que irromperá quando o Cordeiro, alvo como a neve, sentar-se à cabeceira da mesa, esperando a chegada de sua convidada, a noiva. Em Apocalipse 19, podemos ver paralelos entre o anúncio dos anjos aos pastores, a música em crescendo do Messias de Handel, e a “voz de uma grande multidão” cantando louvores pela consumação de Cristo e da sua igreja:

Aleluia!

Pois o Senhor nosso Deus
o Todo-Poderoso reina.
Vamos nos alegrar e exultar
e dar-lhe glória,
pois é chegada a hora
das bodas do Cordeiro,
e sua Noiva já se aprontou;
foi-lhe dado para que vista
linho fino, brilhante e puro
(Apocalipse 19.6-8, ESV)

Nesta passagem, João testemunha o anúncio do casamento celestial definitivo e a chegada da noiva de Cristo, que se adornou com uma série de vestes luminosas, próprias para uma cerimônia celestial. A interseção de Lucas 2 e Apocalipse 19 nos apresenta imagens de Cristo exaltado: primeiro, como uma criança na terra, e, depois, sendo apaixonadamente louvado e aclamado como Rei dos Reis no céu. Ambas as cenas mostram a magnitude celestial pela qual Cristo é reconhecido como

supremo e soberano, e cada uma revela uma multidão celestial de adoradores dedicados a dar-lhe glória. Em ambas as passagens, reconhecemos a mesma sinfonia da salvação que proclama a presença e o poder de Jesus. Ao celebrarmos o Advento, somos convidados a abrir espaço para uma santa observação e a reservar tempo para contemplar a maravilha da sua chegada, junto com a glória do seu reinado eterno, participando da mesma sinfonia da salvação

PARA REFLETIR

De que modo a contemplação dessas cenas aprofunda a nossa admiração pela vinda de Cristo e sua união com a igreja?

Quando refletimos sobre o paralelo entre a chegada humilde de Cristo à terra e o seu reinado glorioso no céu, o que isso nos revela sobre a sua natureza e o seu propósito divinos?



Mas ao anjo lhe disse: "Não tenham medo. Estou trazendo boas-novas de grande alegria para vocês, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor."

LUCAS 2.10-11





LEIA

LUCAS 2.8-20



A surpreendente estratégia do anúncio de Deus

UMA VISÃO DIFERENTE
DE UMA CHEGADA GLORIOSA

POR RONNIE MARTIN

O

nascimento de Cristo nos surpreende.

E não apenas o nascimento em si, mas a forma como Deus decidiu apresentar ao mundo o nascimento do seu Filho. Sem um plano de marketing milionário, sem campanha nas redes sociais, sem anúncios na TV paga em horários nobres; o Senhor escolheu um grupo de ingênuos pastores para apresentar as boas-novas de grande alegria para todas as pessoas. Imagine quão impressionados esses pobres pastores devem ter ficado, quando uma multidão de anjos do outro mundo lhes apareceu na escuridão da noite, cantando: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre aqueles de quem ele se agrada!” (ESV). Ficamos maravilhados quando consideramos a grandeza deste espetáculo que Deus

organizou para tão poucas pessoas com tão pouca influência na cultura.

Mas, então, lembramo-nos de Maria e José, da manjedoura e de alguns animais. Uma cena que faria a maioria dos pais estremecer, se tivesse de contemplar um nascimento tão simples e obscuro. Ao tentarmos visualizar essas coisas, somos lembrados de que a ideia de Deus sobre o nascimento divino do seu Filho não incluía a extravagância e o excesso que teimamos em usar para aparentar influência e importância.

Na economia transcendente de Deus, a humildade é como ele quer que entendamos a piedade, que entendamos o seu Filho. Como descreve Filipenses: “Embora tivesse a forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devia se apegar, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo” (2.6-7, ESV).

A surpreendente estratégia do anúncio de Deus provavelmente não será apresentada em livros de liderança, em seminários estratégicos nem em vídeos de influenciadores como sugestão para impulsionar sua marca, ganhar mais seguidores e fazer avançar sua plataforma. Deus faz algo muito mais desconcertante. Ele santifica a nossa compreensão e desvenda os nossos valores de uma forma muito particular, para que o nosso coração bata com uma pulsação cada vez menos sincronizada com os ritmos do mundo. Ele compartilha

uma história de origem com acontecimentos peculiares como este, para que, milhares de anos depois, possamos valorizar e ponderar como Maria, e para que possamos voltar como esses pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que vimos e ouvimos.

Você se humilhará como Jesus? Você se deixará ser guiado como esses pastores? Você vai parar de ver sua vida como uma série de circunstâncias aleatórias, frutos do acaso, e abrir seus olhos para as maneiras surpreendentes como Deus age nos momentos banais de sua vida? Olhe ao seu redor, porque a glória do Senhor está brilhando sobre você, para enchê-lo de grande temor, a fim de que você possa experimentar sua grande paz.

PARA REFLETIR

O nascimento de Jesus foi anunciado a um grupo de pastores, uma audiência de pessoas marginalizadas e improváveis. Como essa estratégia de anúncio fora do convencional desafia as noções de importância, influência e poder da nossa sociedade?

O anúncio do nascimento de Jesus desafia a nossa percepção de sucesso e as formas como frequentemente buscamos reconhecimento e influência no mundo. Como podemos mudar a nossa perspectiva de modo a reconhecer e a ver momentos comuns da nossa vida como oportunidades para Deus trabalhar e revelar a sua glória?



LEIA
ISAÍAS 9.2-7



Há uma luz que muda tudo

O VERDADEIRO PRESENTE DE NATAL

POR TRILLIA NEWBELL

A

época do Natal está chegando! Para meus filhos, isso significa a expectativa dos presentes. Acho que eles começam a fazer suas listas no dia 26 de dezembro do ano anterior. Eles ficam ansiosos e por meses e meses falam sobre os presentes do próximo Natal.

Quando os presentes finalmente chegam, são recebidos com diversas reações — algumas mais entusiasmadas do que outras. Mas a única coisa que nunca falha é esta: depois de cerca de uma hora, meus filhos estão fazendo algo completamente não relacionado aos presentes pelos quais esperaram durante o ano inteiro. Em última análise, os presentes deste mundo, ainda que maravilhosos, não nos satisfazem. Eles nos deixam querendo algo mais. Mas há um presente que

verdadeiramente satisfaz. Um presente que continua sendo oferecido. Um presente que nunca nos decepcionará, que nos sustentará e que estará sempre disponível para nós. Esse presente é Jesus, a Luz do Mundo.

Isaías profetiza sobre um bebê que salvará o mundo. Este anúncio surpreendente foi feito a um povo rebelde, numa época de trevas. Havia guerra e apreensão. Não havia paz a ser encontrada. As trevas eram palpáveis e iam além até mesmo das circunstâncias em que Israel se encontrava. As trevas que experimentavam também eram de natureza espiritual; é a escuridão que todos experimentamos antes de conhecermos o Salvador.

Jesus cumpre as promessas do Antigo Testamento sobre a luz vindoura de Isaías 9.2: “O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz.”

Essa era a promessa das boas-novas tanto para Israel quanto para nós hoje. A Luz do Mundo veio e, se a seguirmos, também andaremos na luz — teremos a luz da vida (1João 1.7; João 8.12). Não precisamos temer a destruição, pois recebemos a luz e a verdade, e não andaremos mais nas trevas. Podemos ser honestos e vulneráveis. Não há necessidade de nos escondermos de Jesus — não conseguiríamos, mesmo que tentássemos —,

pois ele veio para nos trazer luz e alegria. A profecia de Isaías vai além da luz, vai até a vitória. Haverá vida gloriosa, alegria e vitória para o povo de Deus (Is 9.3-5). E recebemos tudo isso porque “um menino nos nasceu, um filho nos foi dado” (v. 6).

Os problemas do antigo Israel são os mesmos que temos hoje: rebeldia, guerra, ira e conflito. A escuridão é a mesma. E, se entendermos isso, a dádiva e a beleza da luz ficarão muito mais brilhantes.

Todos nós precisamos da esperança do Natal — a esperança de um bebê que nasce para trazer uma grande luz. Todos nós precisamos de Jesus tanto quanto o antigo Israel precisava, tanto quanto toda a humanidade precisa. Igualmente. Cada um de nós. Você e eu precisamos de Jesus, hoje, amanhã e sempre. Podemos apreciá-lo e viver com ele na luz, aqui e agora.

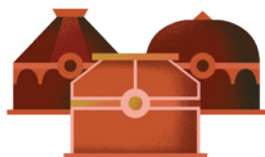
PARA REFLETIR

Os presentes deste mundo podem nos deixar insatisfeitos e querendo mais; mas como você descreveria a satisfação e a realização que experimentou, que fluem de conhecer a Jesus?

Como você pode abraçar ativamente a esperança do Natal e a presença de Jesus em sua vida cotidiana?



LEIA
MATEUS 2.1-12



O que fez esta 'Epifania' se destacar?

A REVELAÇÃO ÚNICA DO
ADVENTO PARA TODAS AS PESSOAS

POR MALCOLM GUILTE

A história dos reis magos tem um sentido especial de mistério e alegria, e há muito tempo é celebrada pelos cristãos em um dia de festa especial chamado Epifania. A palavra grega *epipháneia* significa “brilhar” ou “revelar”. É claro que a Bíblia está repleta de grandes epifanias: a sarça ardente — que fez com que Moisés se voltasse e encontrasse a Deus — foi uma epifania; a visão de Isaías — no capítulo 6, do “Senhor exaltado” — foi uma epifania; os céus que se abriram no batismo de Jesus foram uma epifania. Então, como é que este momento específico do evangelho de Mateus passou a ser chamado de epifania? A resposta está na grande importância desse fato para nós, que somos descendentes de gentios — aqueles que não nasceram como parte do povo judeu, o povo escolhido original.

Às vezes, ler o Antigo Testamento é como ouvir a longa história da família de outra pessoa, e faz você se perguntar o que isso realmente tem a ver com você. Mas, de repente, você ouve seu próprio nome e percebe que esta é a sua história também. Isso é o que acontece no momento em que os reis magos encontram o menino Jesus. Até ali, a história da vinda do Messias estivera confinada a Israel, o povo da aliança; mas, então, de repente e de forma misteriosa, três gentios intuíram que o seu nascimento era uma boa-nova também para eles e, assim, trouxeram presentes ao menino Jesus. Temos aqui uma epifania, uma revelação de que o nascimento de Cristo não é um pequeno passo para uma religião local, mas sim um grande salto para toda a humanidade. Jesus veio para todos nós, gentios e judeus!

Adoro a forma como esses reis são tradicionalmente retratados como representantes das diferentes raças, culturas e línguas do mundo. Adoro a forma como o mundo, em toda a sua diversidade, é captado no caráter de diligência e alegria dos reis magos. Eles “buscam diligentemente”, mas se regozijam “com grande alegria” (KJV). Adoro a maneira como eles seguem a estrela, permitindo que ela os leve para algo além de si mesma. Aqui está um soneto que procura expressar um pouco do que essa história pode significar para nós:

Poderia ter sido apenas
a história de outro alguém,
De algum povo escolhido
que ganha um rei especial.
Nós os deixamos
com a própria glória que lhes é peculiar,
Nós não pertencemos [a essa história],
não significa nada [para nós].
Mas quando chegam os três,
Estes nos levam com eles,
São gentios como nós,
e sua sabedoria pode ser a nossa;
Passos firmes que encontram
um ritmo interior,
Um olhar de peregrino que enxerga
além das estrelas.
Eles não sabiam o nome dele
mas ainda assim o buscaram,
Vieram de outras paragens
mas ainda assim eles encontraram;
Nos templos, encontraram aqueles
que o venderam e o compraram,
Mas, no estábulo imundo, o solo sagrado.
Sua coragem dá voz
aos nossos corações que buscam
[nos dá voz para] Buscarmos, encontrarmos,
adorarmos, alegrarmo-nos.

Este soneto, “Epiphany”, foi extraído de *Sounding the Seasons* (Canterbury Press, 2012) e usado com a permissão do autor.

PARA REFLETIR

A combinação de diligência e alegria demonstrada pelos reis magos é notável. Refletindo sobre o exemplo deles, de que modo podemos cultivar um equilíbrio entre a busca diligente e a alegria jubilosa em nossa própria busca por Cristo?



LEIA
APOCALIPSE 21.1-6



Advento para corações desolados

A ESPERANÇA DA UNIÃO QUE NOS
AJUDA A PERSEVERAR HOJE

POR CRAIG SMITH

A época do Natal nem sempre é alegre e animada. Na verdade, ela pode vir carregada de mágoa, tristeza, lágrimas e dor. Eu entendo isso de perto. Desde 30 de junho de 2021, essa época do ano, para a minha família, tem sido marcada por lágrimas e tristeza. Naquele dia, nossa filha de 20 anos morreu em um trágico acidente de carro, enquanto voltávamos juntos das férias. Em questão de segundos, nossa primogênita nos foi tirada.

A morte é nossa inimiga. Odeio a morte — estou cansado de lágrimas. E, no entanto, se aquele dia de junho é o dia da minha maior tristeza, então, Apocalipse 21 é a minha maior fonte de esperança e de consolo. E pode ser a sua também.

Em suas palavras, encontramos a certeza da vitória eterna que Jesus garantiu ao seu povo. O amoroso Pastor enxugará dos nossos olhos toda lágrima e erradicará o pecado, a morte e o diabo para sempre. Essa é a nossa recompensa futura e o destino de todos aqueles que são pessoas de fé.

O escopo do evangelho de Jesus Cristo não se limita à salvação de nossas almas. Inclui a restauração e a redenção de tudo o que foi perdido na queda do homem, em Gênesis 3. Essa restauração envolverá um novo céu, uma nova Jerusalém e corpos aperfeiçoados que serão ressuscitados para habitar em uma nova terra gloriosa. Aguardamos ansiosamente a transformação de todo o universo.

A visão do que está por vir, captada em Apocalipse 21, será nova em qualidade e superior em caráter àquela que temos agora. Assim como o texto prediz o fim do mundo que hoje conhecemos, imediatamente também fala da chegada de um novo e magnífico começo. Esta nova terra é o lugar em que o reino de Cristo será revelado em sua plenitude; onde o próprio Deus reinará como único Rei sobre tudo, e habitará em paz e poder entre o seu povo.

Esta é a essência da salvação: um relacionamento íntimo e pessoal com o próprio Deus, que não tem fim e que é para todo o sempre. Não haverá necessidade de partidos políticos

opostos e de divisões denominacionais, pois todos seremos reunidos para adorá-lo e servi-lo, para governar e administrar com ele. Não haverá mais morte. Haverá um trabalho com propósito a realizar, família e amigos para desfrutar, sem medo de uma separação, e uma eternidade de aprendizado e de descobertas. Será uma realização contínua do nosso anseio mais profundo de união com Deus e de uns com os outros.

A esperança desse grande dia me ajuda a perseverar hoje, mesmo quando a tragédia que aconteceu em nossa família e a tristeza na época do Natal parecem insuportáveis. Nosso Senhor chegou com grande humildade naquele primeiro Natal, mas retornará novamente em vitória absoluta. A poderosa visão dada ao apóstolo João, no livro de Apocalipse, termina com o Senhor dizendo: Sim, venho em breve! Ao que João responde, juntamente com todos os corações tristes: Amém. Vem, Senhor Jesus!

PARA REFLETIR

Como a promessa de Apocalipse 21.1-6 dá esperança aos que sofrem durante a época do Natal?

Como a antecipação do novo céu e da nova terra podem influenciar a nossa perspectiva sobre os desafios do presente?

*A sua misericórdia
estende-se aos que o temem,
de geração em geração.*

LUCAS 1.50



A **Christianity Today** está comprometida em servir a igreja de língua portuguesa através de histórias e recursos, notícias e opiniões que modelem o evangelho verdadeiro, bom e belo, em toda a sua amplitude.

Desde o começo da iniciativa de criar a CT Global, em 2020, a **Christianity Today** alcançou mais de 4 milhões de leitores de fora dos países de língua inglesa, por meio de traduções. A CT em Português já traduziu mais de 300 artigos, três séries de devocionais de Natal e dois concursos internacionais de artigos escritos por autores de língua portuguesa.

Saiba mais sobre todos os projetos acima escaneando o código QR ou enviando-nos um e-mail para **christianitytodaypt@christianitytoday.com**



Para ser notificado de novas traduções em Português, assine nossa newsletter (CT em Português) e siga-nos no Facebook, Twitter ou Instagram.



ChristianityTodayPT



@CT_emportugues



@CT_emportugues

*Ao Rei eterno, ao Deus único,
imortal e invisível, sejam honra
e glória para todo o sempre.
Amém.*

1 TIMÓTEO 1.17

CT